



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JUNHO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

FELLINI 8½

Título original: 8½

Realização: Federico Fellini (Itália, 1963)

1. A GENIALIDADE EM CINEMA



Ao longo de toda a história mundial das artes existiram génios que sobressaíram dos demais pela grandiosidade da sua obra. Um Leonardo Da Vinci ou um Rembrandt, um Beethoven ou um Mozart, um Dante ou um Cervantes, um Orson Welles ou um Fellini são exemplos do que pretendemos afirmar. O que distingue os génios dos criadores excepcionais, dos artistas muito bons, dos tarimbeiros ou dos medíocres? Julgo que a diferença se encontra na força da personalidade, pois que muitas vezes o trabalho que todos eles executam pode ser

igualmente árduo, e a entrega a mesma. Mas, enquanto um banal escritor ou um cineasta sem particular talento se podem esforçar durante a vida inteira e não passarem da cepa torta, um génio, como Picasso, agarrava num pincel e num gesto único traçava os contornos de uma pomba que ficaria para a eternidade. Injusto, eu sei. Mas a arte não se mede pelo esforço, pela perseverança, pelo empenho. Muitas vezes eles também são imprescindíveis aos génios, mas estes regem-se por outras regras.

Uma inspiração divina, dirão uns; um toque de Midas, acrescentam outros, uma questão de ADN, proclamam os mais científicos. Mas nunca ninguém explicou completamente o mistério, que por isso mesmo se mantém inexplicável e fascinante.

No caso do cinema, os génios são alguns a passearem-se pelas salas de todo o mundo. Nem sempre serão unanimemente reconhecidos enquanto tal, mas a verdade é que a força telúrica do seu talento acabará por se impor. Mais cedo ou mais tarde.

O mesmo argumento, com os mesmos técnicos e os mesmos actores poderia ser filmado por diversos realizadores e o resultado final nunca seria comparável. Se entre o grupo existisse algum génio, ele viria ao de cima como azeite num copo de água. O olhar é diferente, o enquadramento é único, a iluminação, a cor ou o preto e branco, a forma de dirigir os actores, a escolha dos cenários e dos adereços, tudo funciona de forma diferente. O toque do génio tudo transfigura. Há genialidades que se impõem pela tumultuosidade, pela truculência, pelo excesso, outras pelo rigor, pela concisão, pela austeridade de processos. Não há regra para o génio, precisamente porque ele ultrapassa todas as convenções e estabelece novos paradigmas.

Mais, falando só de cinema: há génios para todos os gostos e não são nem as épocas históricas, nem os movimentos estéticos que definem a importância de um qualquer predestinado. Há génios no classicismo (Griffith ou Ford), como no Expressionismo (Fritz Lang ou Murnau), no Surrealismo (Buñuel), no Neorealismo (De Sica ou Rossellini), na Nouvelle Vague (Truffaut ou Godard), e por aí fora, para só citar alguns exemplos. Não há nada que defina exteriormente um génio, esse

define-se a si próprio pela grandeza da sua voz. Um autor genial é alguém insubstituível, uma contribuição única, alguém que marca cada obra saída da sua imaginação com um carimbo de autenticidade e originalidade inigualável. Um génio como Fellini, que, mesmo quando se situa abaixo do seu normal, nunca deixa de ser Fellini. E quando acerta, como em "Os Inúteis", "As Noites de Cabíria", "A Estrada", "A doce Vida", "Roma de Fellini", "Amarcord" ou neste espantoso "Fellini 8 ½", se mostra na sua estatura de verdadeiro génio da sétima arte.

2. FELLINI OITO E MEIO (1963)



O percurso de Federico Fellini durante os primeiros anos da sua carreira de cineasta teria de culminar numa obra como "Fellini 8 ½", onde se compendiam, de forma genial, temas, fantasmas, obsessões, recordações de infância, questões estéticas, paixões, enfim todo um universo muito pessoal que entra em crise, quer a nível criativo, quer a nível individual. O grande toque de Midas de Fellini foi transformar a sua crise no elemento central do seu filme, repensar toda a sua obra e toda a sua vida, confrontar-se publicamente consigo próprio e com os outros, mulher, amigos, amantes, colaboradores, actores, técnicos, figurantes, espectadores... Impudicamente revelador, demonstrando que a mentira é a maior das verdades, como gostava de dizer, ele a quem chamavam "o grande mentiroso".

Mas, curiosamente, o título parece revelar o maior pragmatismo realista: "Fellini 8 ½", isto é: este é o oitavo filme e meio deste realizador que anteriormente tinha dirigido sete filmes e dois episódios (há quem diga que foram seis filmes, dois episódios, que contariam como mais um filme, e mais meio filme, que seria o seu primeiro, co-realizado com Alberto Lattuada).

Para quem seguir cronologicamente esta carreira, verá facilmente que o cinema de Fellini prolonga coerentemente um percurso que, partindo do realismo (na época em que se integra no neo-realismo), dele se afasta progressivamente de várias formas. Numa delas, porque o seu apelo à fantasia, ao sonho, ao imaginário é cada vez maior; noutra, porque a sua narrativa se solta das amarras do romanesco para se precipitar num aparente caos de que "La Dolce Vita" era já um sintoma claro. Com "Fellini 8 ½", a desordem instala-se. Mas só na aparência, pois não há filme mais transparente na sua leitura.

"Fellini 8 ½" é, resolutamente, uma obra autobiográfica. Mas sendo autobiográfica em relação a um contador de histórias, um efabulador, ou "o grande mentiroso" como gosta de ser conhecido ("um mentiroso que diz sempre a verdade", na tradição de um Jean Cocteau), este é um terreno resvaladiço, onde dificilmente se sabe o que é verdade ou mentira. Tratando-se, porém, de uma obra de arte, tudo o que se percebe é a verdade que nos querem transmitir. Logo, toda a mentira ou verdade é verdade, a única que temos presente, como diria Godard, "o cinema é a verdade 24 imagens por segundo". Saber se tal ou tal imagem ou cena é ou não verdade, deixa de ser importante para o espectador. O que vemos é a verdade que Fellini nos quer transmitir. O que não implica que nós não saibamos, inclusive por confissão do próprio Fellini (será verdade?), que muito do que confessa sobre si e a sua vida é produto da imaginação. Os seus biógrafos interrogam-se sobre certas zonas cinzentas da sua vida, e Fellini ajuda à festa quando confessa que muitas das suas recordações, por exemplo, da adolescência passada em Rimini, e que ele apresenta em obras

como "Fellini 8 1/2" ou "Amarcord", são possivelmente mais imaginadas do que reais. E depois pergunta, ingenuamente, o que é a realidade.



Por isso o melhor é não transpor directamente tudo o que se vê no filme para a vida de Fellini, ou, se preferirem, aceitar como real tudo o que se vê e ouve. Passemos, portanto, ao filme, que se inicia com um engarrafamento e Guido Anselmi (Marcello Mastroianni) no interior do seu carro, fechado, sem poder sair, tanto do automóvel como do trânsito bloqueado, sujeito a uma angustiante crise de claustrofobia. Mas acabará por se soltar, em direcção ao céu, voando para uma praia. Um agente (de Claudia, sabe-se depois) prende-lhe uma perna à realidade e, puxando-o, leva-o a precipitar-se nas águas do mar. É um sonho, um pesadelo, de que acorda num quarto de hotel, onde é visto por um médico que lhe aconselha umas férias numas termas, para onde parte. Toda a introdução no universo das termas é uma das mais brilhantes sequências desta obra-prima, com os grupos humanos numa orquestração coreografada de movimentos, gestos, olhares, sob a direcção da música de Wagner e as suas "Valquírias". Alguns jornalistas aparecem, aqui e ali, com perguntas impertinentes: "Prepara mais um filme? Mais uma obra sem esperança?"

Guido vai depois à estação de caminhos-de-ferro esperar Carla, a amante (Sandra Milo), com quem procura "encenar uma cena porca", numa passagem por um cemitério, evoca pai e mãe "com quem falou tão pouco", e de novo no hotel confraterniza, algo contrariado, com actores e equipa técnica do seu próximo filme. Entre eles, o produtor, Pace (Guido Alberti), uma actriz, Madeleine (Madeleine Lebeau), Mario Mezzabotta (Mario Pisu) e a amante, Gloria Morin (a diabólica Barbara Steele, recém saída de "A Máscara do Demónio", de Mario Bava, ou de "O Fosso e o Pêndulo", de Roger Corman). Pelo meio, passam recordações da infância, das fugas para o casebre da praia onde espreita e dança com a luxuriante Saraghina (Edda Gale), dos companheiros do colégio religioso, dos castigos impostos, do terror infligido. Momento para Fellini pôr em dia a sua relação conflituosa com o clero e os "príncipes da Igreja".

Nova sequência admirável se anuncia, com a entrada nos banhos e a quimérica casa de mulheres, o harém que Guido idealiza, com as mulheres da sua vida, harmoniosamente organizadas em seu redor, comandadas pelo seu disciplinador chicote. A sequência é provocada pela chegada de Luisa, a mulher de Guido (Anouk Aimée), que não tolera a presença de Carla. Guido imagina-se "a dizer a verdade sem magoar ninguém". Chega a ser impúdica esta visão machista que desarma pela sua sinceridade e, por que não dizê-lo?, pela sua inocência.

No meio de uma crise de criatividade sem paralelo, sem saber como dar o primeiro passo para o seu novo filme, e perante a insistência dos produtores, que querem arrancar com as filmagens, os castings continuam. "Mentir como respirar", tentar adiar e, no meio de toda a desordem, o rosto de Claudia (Claudia Cardinale), o ideal inacessível, a quem confessa a verdade: "Nem filme há", o seu espírito é um deserto de ideias que fervilham sem porto seguro. Enquanto uns anunciam que as filmagens começam amanhã e outros asseguram que "está perdido! Não tem nada para dizer!", é o momento para o suicídio, ou para o grande golpe de magia, a sequência final de "Fellini 8 1/2", que simultaneamente será o início das filmagens dessa grande obra de ficção científica que se prepara num cenário de tubos metálicos onde não deixa de existir uma pista de circo. Inicia-se o desfile, sob a batuta da fabulosa composição de Nino Rota, e Fellini encanta-se: "A vida e uma festa! Vivamo-la juntos!" Alguém parece receber a mensagem: "Já percebi o que queres dizer:

não podes viver sem nós!”. Isso mesmo. “Os filmes devem ser livres da realidade!” ou será que os filmes, as obras de arte, devem viver dessa realidade mais íntima e profunda que são os sonhos? Fellini andava por essa altura a ser acompanhado por um psicanalista da escola de Jung, e este mergulho na interioridade parece que foi benéfico para se libertar de amarras e se lançar nos caminhos de um cinema cada vez mais pessoal. “Nada é mais honesto do que um sonho”, afirmou Federico Fellini. Ou, numa outra ocasião: “Sonhar é preciso, mesmo que seja um pesadelo”.

Curiosamente, este é o derradeiro filme de Fellini a preto e branco, diga-se de passagem, num prodigioso preto e branco com a assinatura de um mestre, Gianni Di Venanzo. Se toda a obra de Fellini é de uma coerência temática e estilística ímpar na história do cinema, “Fellini 8 ½”, juntamente com “Amarcord”, serão seguramente as suas obras mais confessionais. Mas Fellini não pretendia dramatizar esta obra. Conta-se que terá colado junto da câmara de filmar um post-it que dizia: “lembra-te que este é um filme cómico”. Ou uma magia, onde se mistura habilmente fantasia e realidade. Tal como o mágico do filme explica, “claro que existem alguns truques, mas há também algo de verdadeiro. Eu não sei como acontece, mas acontece”.

Realizado em jeito de parada, tão ao gosto de Fellini, este é um filme onde se compendiam todas as obsessões do cineasta. Onde a realidade se confunde com a fantasia, onde o sonho se torna palpável, onde a sexualidade e a figura da mulher são onnipresentes, onde magia, o circo e o espectáculo dão as mãos, onde a arte e a criatividade são discutidas, onde o papel de Deus e do Homem impõe a esperança afinal, mas onde os representantes da igreja não ficam muito bem vistos, onde a grande arte se solta e sobrevoa os espíritos. Fellini no seu melhor. Um filme que nos liberta com lágrimas de felicidade, no seu final.

Ganhou o Oscar de 1964 nas categorias de Melhor Filme em Língua não Inglesa e Melhor Guarda-roupa a preto e branco. Foi ainda nomeado para Melhor Realização, Melhor argumento Original e Melhor Direcção Artística a preto e branco. Grande Prémio no Festival de Moscovo, em 1963. Melhor Filme Estrangeiro para os Críticos de Cinema de Nova Iorque, e Melhor Filme Europeu, no Prémio Bodil 1964 (Dinamarca).



FELLINI OITO E MEIO ou FELLINI 8½

Título original: 8½ ou Federico Fellini's 8½

Realização: Federico Fellini (Itália, França, 1963); **Argumento:** Federico Fellini, Ennio Flaiano, Tullio Pinelli, Brunello Rondi; **Produção:** Angelo Rizzoli; **Música:** Nino Rota; **Fotografia (p/b):** Gianni Di Venanzo; **Montagem:** Leo Cattozzo; **Design de produção:** Piero Gherardi; **Direcção artística:** Piero Gherardi; **Decoração:** Vito Anzalone; **Guarda-roupa:** Piero Gherardi, Leonor Fini; **Maquilhagem:** Otello Fava, Renata Magnanti; **Direcção de produção:** Mario Basili, Clemente Fracassi, Nello Meniconi; **Assistentes de realização:** Francesco Aluigi, Guidarino Guidi, Giulio Paradisi, Alessandro von Norman, Lina Wertmüller; **Departamento de arte:** Brunello Rondi; **Som:** Alberto Bartolomei, Mario Faraoni; **Companhias de produção:** Cineriz, Francinex;

Intérpretes: Marcello Mastroianni (Guido Anselmi), Claudia Cardinale (Claudia), Anouk Aimée (Luisa Anselmi), Sandra Milo (Carla), Rossella Falk (Rossella), Barbara Steele (Gloria Morin), Madeleine Lebeau (Madeleine), Caterina Boratto (a senhora misteriosa), Edda Gale (La Saraghina), Guido Alberti (Pace, o produtor), Mario Conocchia (Conocchia), Bruno Agostini (Bruno), Cesarino Miceli Picardi (Cesarino), Jean Rougeul (Carini), Mario Pisu (Mario Mezzabotta), Yvonne Casadei (Jacqueline Bonbon), Ian Dallas, Mino Doro, Nadia Sanders, Georgia Simmons, Edy Vessel, Tito Masini, Annie Gorassini, Rossella Como, Mark Herron, Marisa Colomber, Neil Robinson, Elisabetta Catalano, Eugene Walter, Hazel Rogers, Gilda Dahlberg, Mario Tarchetti, Mary Indovino, Frazier Rippey, Francesco Rigamonti, Giulio Paradisi, Marco Gemini, Giuditta Rissone, Annibale Ninchi, Nino Rota, etc. **Duração:** 138 minutos; **Distribuição em Portugal (DVD):** Costa do Castelo; **Classificação etária:** M / 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 24 de Fevereiro de 1964.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JUNHO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 21H00 (entrada livre)

HORIZONTES DE GLÓRIA

Título original: Paths of Glory

Realização: Stanley Kubrick (EUA, 1957)

Duração: 88 minutos | M/12